

3

Biografemas³

Internada por mais de trinta anos em manicômios, Stela do Patrocínio é mais uma vítima da violência institucionalizada que trata a loucura com intervenção clínica e tratamento psiquiátrico. Suas falas carregam os traços de sua resistência ao adestramento e à disciplina, como também aos modos de organização e subjetivação impostos ao corpo pelas posturas exteriores ou interiores a que o submetamos. Stela conseguiu, na experimentação com a linguagem, a prudência de produzir um “corpo sem órgãos”, conforme o desejo de Artaud: caminhar com a cabeça, ver com a pele, cantar com o nariz, respirar com o ventre.

Eu não sei quem fez você enxergar
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos
Ter pele ter carne ter ossos
Ter altura ter largura
Ter o interior ter o exterior
Ter um lado o outro a frente os fundos
Em cima em baixo
Enxergar
Como é que você consegue enxergar
E ouvir vozes?
(PATROCÍNIO, 2001: 87)

De Stela sabe-se que nasceu a 9 de janeiro de 1941, filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio e que esteve internada em 1962, aos 21 anos, no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, com diagnóstico de “personalidade psicopática e esquizofrenia hebefênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Foi transferida, em 1966, para a Colônia Juliano Moreira onde permaneceu até sua morte, em 1998, aos 57 anos, não tendo sido jamais procurada por qualquer parente ou amigo. Como relata a psicanalista Denise Corrêa,

³ De *biografema*, neologismo criado por Roland Barthes, numa formulação que se tornou célebre: “Se eu fosse escritor, e morto, como eu gostaria de que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amical e desvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: alguns ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicuristas, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão” (Prefácio a *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Seuil, 1971. OC3, p.706).

Quando eu recebi estagiárias de psicologia no Museu da Colônia, pedi a uma delas (Mônica) que resgatasse as biografias das internas que participaram da exposição Ar do Subterrâneo. Mônica levou a tarefa a sério e foi procurar um sobrinho de Stela no Morro do Vidigal (...) infelizmente o sobrinho não foi localizado. (CORREIA: entrevista em anexo).

Diabética, teve uma perna amputada pouco antes de seu falecimento, razão de imensa tristeza, relatada por Viviane Mosé: “ficou muito triste, parou de falar e de comer. A ferida não cicatrizou. Stela morreu de infecção generalizada”. (MOSÉ, in PATROCÍNIO, 2001: 21). Do que escreveu – frases ou números em papelão – e de seus desenhos – minúsculos traços, próximos da escrita – tudo se perdeu. “Eu gosto mesmo é de escrever, de fazer número em papelão” (PATROCÍNIO: 2001, p.140). Porém, em contraposição: “Falo, falo, falo, falo o tempo todo” (id. p. 142).

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana, aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís foi ao bar, eu estava ao lado do Luís, caminhando ao lado do Luís na rua Voluntários da Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Coca-Cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando, aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”,... ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi, porque eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luís, o Luís é meu amigo, aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância,

“carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital. (PATROCÍNIO, 2001: 48-49)

Em entrevista concedida por e-mail, a artista plástica Carla Guagliardi – residente na Alemanha – relata como se deu sua chegada à Colônia Juliana Moreira, ainda enquanto aluna de Neli Gutmacher na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Procurada por Denise Correia e Marlene J., psicanalistas que trabalhavam na Colônia, Gutmacher iniciava a experiência de criar uma oficina de livre expressão artística junto às pacientes do núcleo Teixeira Brandão. A proposta diferia dos métodos terapêuticos usados, por exemplo, em oficinas de arte-terapia. Durante dois anos e meio, Neli e seus alunos Carla e Márcio Rolo (aos quais vieram juntar-se posteriormente Brigitte Holck e Gabriela, enquanto voluntárias, assim como eventualmente alguns interessados no projeto, como Clara e Carlos Sandroni) desenvolveram um trabalho semanal que resultou na exposição chamada “O ar do subterrâneo” – título alusivo a uma expressão de Antonin Artaud.

Os artistas plásticos procuraram estimular as internas visitando-as em seus alojamentos, conversando com elas. Num desses encontros foi que conheceram Stela do Patrocínio.

(...) sempre soberba, trajando algum ornamento como uma capa feita de cobertor ou maquiada com traços brancos desenhados na face, ela se apresentou e demonstrou por nós uma curiosidade peculiar, séria e distinta. (...) Seu olhar enxergava algo além, sua atitude em relação à instituição hospitalar e a condição com que o paciente psiquiátrico é visto e tratado era mais crítica e reflexiva, ao mesmo tempo muito poética, até mesmo trágica. Sua fala tantas vezes confirmava o que tantos filósofos, poetas e pensadores dissertaram a respeito da loucura. Era realmente impressionante. (GUAGLIARDI: 2008, entrevista em anexo).

A psicanalista Denise Correa relata (ver entrevista em anexo) que na inauguração da exposição "Ar do Subterrâneo" todas as internas cujos trabalhos estavam sendo exibidos estavam presentes e portavam roupas novas. Stela

percorria (*soberba*, no dizer de Guagliardi) toda a exposição e seu rosto expressava alegria.

Denise, na citada entrevista igualmente concedida por e-mail, relembra Stela do Patrocínio circulando pelo galpão onde eram realizadas as atividades do Projeto de Livre Criação Artística, pelos jardins, no estacionamento do Núcleo Teixeira Brandão, frequentemente fazendo seus comentários teatralmente em forma de versos durante os diálogos com Carla Guagliardi e demais artistas plásticos que integravam o projeto. Ela relata que, para fazer as gravações de algumas dessas falas, Carla pediu e obteve o consentimento de Stela. Denise refere-se ainda às comemorações de aniversário (ambas, Denise e Stela, festejavam em janeiro), à felicidade com que Stela retornava da feira trazendo as frutas que havia ganhado dos feirantes. Enquanto dispunha do corpo – “corpo sem órgãos” – que tinha produzido para si, definindo seu espaço de sobrevivência na própria situação limite para onde era sempre reconduzida, Stela mantinha-se produtiva e potente. Entretanto, quando teve a perna amputada, foi como se uma invasiva organização do corpo e do ambiente drenasse sua força, cassasse sua fome e sua palavra. Não lhe foi mais possível resistir.

Os momentos mais dramáticos ocorreram quando ela se internou com problemas de diabetes e eu fui visitá-la. Ela chegou a ter uma de suas pernas amputada. Lembro com tristeza que na última visita que lhe fiz ela me pediu que da próxima vez eu lhe trouxesse uma maçã assada, mas não foi possível, ela faleceu logo depois. (CORREA, entrevista em anexo).

Em outras passagens trato de temas configurados a partir do arquivo de Stela do Patrocínio, lugar de guarda e divulgação de um discurso cujas regras, antes impensadas, inventam rumos para a escrita-pensamento.